

UM DECRETO QUE É UMA CILADA!

As afrontosas deportações que o actual governo levou a cabo, foram feitas à sombra dum decreto odioso. Esse decreto permite aos governantes mandar julgar quem lhes apeteça na comarca que lhes aprouver. As deportações fizeram-se a pretexto de promover o julgamento longe de Lisboa de algumas dezenas de operários. E', pois, um decreto que suspende todas as garantias e todos os direitos dos cidadãos. Qualquer indivíduo, desde que ao governo convenha, pode ser deportado; basta prendê-lo, acusá-lo de pertencer à «Legião Vermelha» para ter como certa a deportação.

Tal decreto inconstitucional, contrário aos mais rudimentares princípios de Justiça, tem de ser rasgado para desafronta do país inteiro.

¿Não haverá ninguém na imprensa, na tribuna, na praça pública, no parlamento, capaz de apontar o grave perigo que para toda a gente constitui a vigência de tão iníquo diploma?

Continuaremos eternamente, sem um protesto dignificante, à mercê do ódio de qualquer cabo de esquadra que nos deseje ver Barra fora? Para aplicar a um homem a pior pena dos códigos — a deportação — um julgamento basta, o da polícia; uma condenação satisfaz: a da polícia. No governo civil diz-se: «suspeito». E esta palavra julga e condena, sobrepondo-se à lei, calcando a Constituição, enzoalhando a Democracia, cuspidor um repugnante insulto na face dos mais puros ideais humanos.

Um parlamento que consente a vigência dêsse decreto de arbítrio trai o espírito de Justiça dum povo inteiro.

Reacção salutar

Deu-se o que era inevitável que se desse, a menos que o país estivesse já subvertido de ignomínia: começaram a ouvir-se várias vozes de protesto contra a atitude que o governo tem mantido contra as classes operárias, atentando contra os mais legítimos direitos de opinião.

Também se ouvem já numerosos e vibrantes protestos contra as deportações e contra o espancamento de presos. Característica interessante dêsse protesto: ser ele levantado principalmente por correligionários do actual ministério. Também se fez ouvir no parlamento, além doutros, democráticos, a voz dum deputado nacionalista, condenando as violências de que o operariado tem sido vítima.

Quere isto dizer muito simplesmente que os acontecimentos que aqui verberamos, não é do interesse restrito duma facção ou duma seita, mas que merece a atenção das pessoas honestas de todos os partidos, de todas as orientações sociais ou filosóficas, porque se trata de princípios elementares da vida social. Quiz-se confundir e baralhar tudo, para que melhor se pudesse esmagar a organização operária.

Porque protestávamos contra as deportações, disseram-nos solidários com a Legião Vermelha, e para essa gente nós éramos a própria Legião Vermelha, de que as forças-vivas e a sua imprensa fizeram um folhetim rocambolesco para entreter a imaginação da gente simples, enquanto elas exploravam descaradamente o público.

A sombra da Legião Vermelha ir-se-ia conquistando todas as transigências do poder com o capitalismo. E nós, os que protestávamos contra a monstruosidade jurídica das deportações, sem nenhuma espécie de julgamento e até sem pronúncia em qualquer processo, éramos... da Legião Vermelha.

Pois bem, os protestos dos homens que começaram a pedir contas ao governo do uso que este fez das autorizações parlamentares são do partido democrático, do partido que apoia o governo, e o sr. Pedro Pita é dum partido conservador, que não pode ser acusado de nenhuma espécie de simpatia com a chamada Legião Vermelha. Através-se não as forças-vivas a continuar a proclamar que quem protesta são os legionários vermelhos, criminosos e bombistas?

Não, decididamente começa a fazer-se justiça. Os protestos que agora se levantam, não só no parlamento como numa parte da imprensa republicana, são já um começo de reparação moral, senão dos atentados que à sua liberdade foram praticados contra o operariado, pelo menos das calúnias com que certa imprensa o procurou babujar.

Homens que não podem ser acusados de nenhuma espécie de interesse na defesa dos operários que estão sendo perseguidos, têm-na feito com um grande espírito de independência que, longe de os ir-

Seis balas de frente

atingiram Domingos Pereira quando fugia...

Sobre a maneira como Diamantino da Anunciação foi assassinado pela polícia, não pode restar dúvida. Só o ministro do Interior ignora que ele foi atingido pela frente, o que destruiu para toda a gente a ideia de que ele tivesse sido morto por ter tentado fugir.

Que Domingos Pereira foi covardemente assassinado não houve dúvidas para ninguém exceptuando o ministro do Interior, que «não sabe nada», e para a polícia, que resolveu que os jornais dissessem que ele tinha tentado fugir, o que os jornais — nem todos, entenda-se — servilmente fizeram.

Faltava saber se as balas tinham atingido Domingos Pereira de frente ou pelas costas. Ninguém o disse, a polícia entendeu que isso não se devia dizer, e os jornais não o disseram porque ela ordenou nesse sentido.

O inquérito ordenado pelo ministro do Interior também não o revelou, porque o inquérito nunca existiu, não passando dum miserável expediente, tão miserável como o ordenou.

Domingos Pereira foi atingido por 6 balas, disparadas todas de frente. A hipótese da fuga em que ninguém acreditou, por se tratar dum indivíduo quasi cego e ainda por ser o segundo que «tentava fugir», fica completamente destruída.

Uma das balas atingiu Domingos Pereira em plena testa, na direcção do olho direito. Outra furou-lhe a face direita, próximo do nariz. Duas entraram-lhe pelo peito, uma do lado direito e a outro do esquerdo, quatro centímetros, aproximadamente, acima dos mamilos. As duas restantes foram no pulso e braço esquerdo.

Onde está o inquérito que nem sequer procurou fazer luz — a luz decisiva, esclarecedora, esmagadora da autopsia? Ninguém se preocupou com isso. A única preocupação existente foi a de encobrir a maneira como Domingos Pereira foi morto — para salvar moralmente os assassinos e seus mandatórios. Podia-se ir ao hospital — e ninguém pensou nisso, com a preocupação de vir a público relatar o resultado desta indispensável indagação.

Nem era necessário para saber a verdade ir ao hospital. O telefone bastava. E dispensava-se o telefone desde que se não ficassem os olhos à informação dimanada do hospital.

O desejo de matar atingiu a obsecção, tocou as raízes do delírio. O raciocínio obscuroceu-se a ponto de se supor que as coisas se podem ocultar completamente, que nada viria a saber-se.

Erro profundo! A claridade brota invencível de todos os lados confundindo os criminosos, iluminando, tornando bem visíveis perante o público, as suas taras, as suas perversões, o seu fundo negro, o seu instinto criminal que só em matar se compraz. Essa claridade que brota invencível, mostra aos mais míopes a que se desceui a polícia — para atentar contra a vida de dois operários que dormem o sono eterno no cemitério. E não se esqueçam que a polícia não quiz, para melhor apoteose dos seus crimes, que o operariado fosse acompanhado em imponente manifestação, ao cemitério, as duas vítimas que tombaram, mercê do mais ignominioso dos crimes e da mais implacável das crueldades.

NA BÉLGICA

Um governo de concentração

BRUXELAS, 18.—Do novo governo, da presidência do sr. Pourlet, fazem parte cinco católicos, cinco socialistas e dois parlamentares com tendências liberais. — (L.)

manar aos adeptos da Legião Vermelha, só os nobilita.

Esta é a maior significação moral dos protestos que se estão produzindo, e que só provam que o assunto tem um carácter mais geral do que lhe queria atribuir a imprensa açambarcada pelas forças-vivas.

Não pactuemos!

Calar em certos momentos é pactuar. Por isso eu admiro e aplaudo os que não se calam nas ocasiões perigosas. Neste instante, em que propositadamente se pretende confundir princípios de equidade com actos de banditismo, todos os que sentem os princípios e presam a sua dignidade devem abandonar a sombra do anonimato e expor-se à clara luz do sol, separando com serenidade os ideais de beleza da lama afrontosa com que alguns políticos reles querem empocalhá-los.

Eu não acredito na boa-fé dum governo que, para castigar a «Legião Vermelha», ataca, prende, persegue e deporta homens cuja vida é honesta e cujos princípios são belos. Por isso discordo do governo, não pelo mal que causa a um ou outro tresloucado e inconsciente que praticou um crime reprovável, mas pela má-fé, pela deslealdade com que pretende ferir adversários políticos ou sociais.

Não devo solidariedade aos homens da chamada «Legião Vermelha». Reprovo, sem hesitações, assaltos a bancos, a cobradores e a casas de batota. Actos desta natureza, longe de purificarem o ambiente de desmoralização em que vivemos, agravam-no. Os banqueiros não deixam de nos roubar, nem as casas de jogo cessam de funcionar, nem as grandes companhias se detêm na sua desenfreada exploração pelo facto de grupos audaciosos lhe exigirem dinheiro ou de lhes assaltarem os cobradores. Após essas violências tudo fica na mesma, senão pior.

Mas reprovo esses actos, que os meus princípios não toleram e que à minha dignidade repugnam, não posso admitir, sem protesto, que um governo insensato dêles se sirva habilidosamente para deportar dezenas de indivíduos que outra prova não têm da sua culpabilidade senão os cadastros do Governo Civil que a polícia manda publicar nas gazetas para dar às medidas governamentais umas tinturas de equidade!

Entendo que toda a gente de bem, que preza a sua dignidade e não deseja viver numa sociedade bárbara, deve reclamar o imediato regresso dos deportados. Admitindo que todos eles eram culpados, que o não são, não poderíamos nós, os homens que possuem consciência e têm o sentimento das responsabilidades sociais que sobre cada indivíduo pesa, permitir com o nosso silêncio criminoso que tais deportações se mantivessem sem que primeiramente em condições normais, com todas as facilidades de defesa que a sociedade, embora escassamente, concede ainda aos piores criminosos, fossem apuradas claramente as culpas de cada um perante um tribunal regular.

Notas & Comentários

O ilustre ministro

O Rebate que é o expoente da incultura, da ignorância e da intolerância existentes no partido democrático, fazia-se ontem muito indignado com os que criticam o ministro do Interior. E, para mostrar que, lá por casa, há grande consideração por ele vá de chamar-lhe — illustre.

Ilustre — porque, excelentes senhores do Rebate? Que fez o homem para que lhe chamem illustre? Como republicano e de data recente, cerebrialmente ainda anteontem ele no parlamento confessou com orgulho que era filho de talento e de inteligência, como político usou de processos que o revelam mais monárquico do que foi quando não se fingia republicano. Ilustre, por todos estes defeitos?

Um defensor jesuítico

O Rebate na sua linguagem cheia de agressividade classifica de miserável especulação a campanha que se tem levantado contra o espancamento e assassinato de presos.

Miserável especulação consistirá em dizer que Domingos Pereira foi covardemente morto a tiro pela polícia? Não foi ele assassinado? Não foram polícias os seus assassinos?

Miserável especulação consistirá em protestar contra o bárbaro espancamento de presos pela polícia? Não há, porventura,

Se a um cabo Moreno, que faz em postas uma pobre mulher, é dado defender-se num tribunal que lhe encontram algumas atenuantes, porque motivo se deportam brutalmente dezenas de criaturas suspeitas de pertencer à lendária e tétrica «Legião Vermelha»? Porque razão não é permitido aos acusados de tomar parte na «Legião Vermelha» usar dos meios de defesa que qualquer cabo Moreno se dá?

Se amanhã agarrassem no próprio presidente do governo, o enviado para as colónias, lhe publicassem o cadastro do golão, lhe publicassem o cadastro do golão, e o acusassem de «legionário», porque isso depende apenas da vontade da polícia, seria justo? Seria defensivo? Pois a situação em que os deportados se encontram é precisamente a mesma em que poderia estar o presidente do ministério ou qualquer homem de bem vítima dum cadastro político.

Qualquer pessoa — monárquico, republicano, socialista ou anarquista — qualquer indivíduo, depois dêsse precedente aberto, está sujeito a ser preso por suspeita e ainda por suspeita ir parar à Guiné.

E' o regime do mais revoltante arbítrio, é a permanente suspensão de garantias, é a ditadura dum governo que põe e dispõe do cidadão, sem que a este seja admitido sequer defender-se das acusações verdadeiras ou falsas que lhe movam!

Calar-se uma pessoa perante um tal estado de coisas é uma cobardia. Sobre a cabeça de cada português está suspenso e ameaçado um cutelo assassino — porque a deportação é a miséria, a dor e a morte.

Contra este princípio desumano, que um governo democrático acaba de estabelecer, devem erguer-se todas as consciências rectas. De contrário, se os homens da nossa época não souberem fazer cessar com os seus protestos justos o perigo da fraqueza ciliada que cada um de nós se armou — com esse decreto, contrário ao espírito da Constituição e aos mais elementares princípios de justiça, que permite a um governo deportar sem julgamento, — darão o espectáculo da mais abjecta cobardia colectiva.

Em nome do meu brão de homem, protesto! Em nome de todos os meus direitos de cidadão espelhados, protesto! Em nome da humanidade ofendida, protesto! E depois de formulado este protesto, absolutamente necessário à minha dignidade, podem deportar-me, podem enviar-me para a Guiné. Irei com a minha consciência tranquila. Sentirei a infinita alegria do homem que não pactuou!

Mário DOMINGUES

presos agredidos? Não foram polícias os seus cobardíssimos agressores?

Use «negá-lo» o Rebate já que não ousa ser abertamente o órgão dos assassinos, como se arvorou em seu defensor — encobridor e jesuítico.

O cinismo...

Numa entrevista que concedeu ao Diário de Lisboa, e na qual fez, conforme pôde, o seu jogo político, o sr. Vitorino Guimarães teve duas afirmações originais.

A primeira: «Não ataquei a imprensa». A segunda: «Não há deportações. Há fixação de residência, aguardando o julgamento, que será em Lisboa».

Sobre a afirmação de que não atacou a imprensa, que falem os nossos colegas que, como nós, lhe sofreram a censura, as suspensões, os vexames e as constantes perseguições.

Quanto à «fixação de residência» — maneira crítica como classifica as deportações — seria um truiz hábil, num país de cégo e de parvos. E' mais vergonhosa a desculpa do que o próprio acto, porque se o acto é brutal, a desculpa é estúpida.

EM FRANÇA

Uma violência do ministro do comércio contra os telegrafo-postais

PARIS, 18. — Em consequência da violenta campanha da Federação Postal Unitária contra os poderes constituídos, campanha de características nitidamente comunistas, o ministro do Comércio determinou que os empregados telegrafo-postais se desligassem daquele organismo, sob pena de demissão. — (L.)

Falam os insuspeitos

O dr. João Camoesas, entrevistado por A BATALHA condena desasombradamente as deportações afirmando ser necessário anulá-las

Sobre as deportações mais um valioso depoimento registamos hoje, o do deputado dr. João Camoesas, que nos primeiros dias da reabertura do parlamento protestou contra as deportações e em breve protestará novamente.

Solicitado para depor no nosso inquérito, o dr. João Camoesas acede gentilmente. Eis o que ele nos disse:

— Protesto contra as deportações pela mesma razão porque protestei contra actos idênticos cometidos durante o sidonismo e durante a monarquia. Eu não tive nenhuma questão pessoal com o rei ou com o sr. Sidónio Pais, não embriava com eles só por serem... eles. Combati-os porque sob a sua responsabilidade se praticaram actos atentatórios dos princípios fundamentais sobre que assentam as sociedades civilizadas. Quero referir-me a prisões arbitrárias, a penalidades aplicadas sem julgamento, como não o sendo.

— E hoje, perante factos idênticos? — Hoje tenho a mesma atitude e só me preocupo com as pessoas por elas se dizem meus correligionários procederem como não o sendo.

— Se os homens da «Legião Vermelha» praticaram crimes contra os quais se revolta toda a minha sensibilidade, os representantes do Estado, exactamente porque o são, é que não podem adaptar-se ao tipo legionário, usando da violência e da arbitrariedade onde só pode ter lugar a justiça.

— Fala-se numa nova deportação...

— Nada sei de positivo. Mas o melhor que se deve fazer é anular as primeiras deportações, porque depois dos protestos que elas levantaram, já não pode haver dúvidas que esses actos merecem a condenação de todos os republicanos de princípios.

— Provavelmente não ignora que os pre-

sos têm sido maltratados nas esquadras policiais; mais do que isso — assassinados!

— Sim; tenho ouvido falar nisso. Como já fiz outras vezes, pedi para que se pudessem todos os responsáveis de abusos de autoridade, se os há.

— Há-os, com certeza — afirmamos nós: — Entendo que a república se deve defender, mas republicaneamente, e creio também que a sociedade se deve defender mas socialmente. Aqueles que julgam defender a república e a sociedade praticando actos contra os princípios republicanos e contra as regras de conduta essenciais da vida social, tornam-se os maiores inimigos da república e da sociedade.

— Não ignora certamente as arbitrariedades de que é vítima constantemente a imprensa, principalmente A Batalha?

— Estou ao facto dessas arbitrariedades. Sou de princípio hostil a todas as violências exercidas contra os jornais, até mesmo aquelas que não são jornais mas... negócios. Julgo que a apreensão de jornais, seja qual for a sua categoria, é sempre um acto contraproducente. Quem não deve não teme, e a palavra escrita ou falada só é altamente perturbadora quando corresponda a estados sociais que dêem motivo a perturbações.

E para terminar:

— O projecto que eu em tempos apresentei no parlamento acerca da imprensa vivia exactamente a garantir a liberdade, eliminando as coacções de facto que os homens de dinheiro exercem sobre os profissionais da imprensa colocando-os no dilema — ou morrerem de fome ou trairam a sua consciência. Por isso sou absolutamente coerente protestando contra coacções que por serem de outra ordem não deixam de o ser.

O GOVERNO continua a ser atacado no parlamento por causa das deportações e do cheque falso

Na sessão de ontem da Câmara dos Deputados, o dr. sr. Hermano de Medeiros, antes da ordem do dia pergunta à mesa que destino levou o requerimento que fez há dois anos, pedindo umas indicações pela pasta da Instrução.

O sr. Cunha Leal disse ter marcado um prazo ao ministro da Guerra para esclarecer a Câmara sobre o caso do cheque falsificado. Constando-lhe que esse ministro está demissionário pergunta quem lhe pode responder. Como tem de sair de Lisboa pede ao presidente do ministério para indicar a quem competir que o caso se esclareça.

Carvalho da Silva não erê que o ministro da Guerra esteja demissionário, pois poderia julgar-se que assim procedia para se esquivar a dar explicações.

Carlos Pereira pergunta por uns documentos referentes aos T. M. E. que devem ser-lhe entregues.

O presidente do ministério comunica que, não tendo sido possível demover o ministro do seu pedido de demissão, ficará ele interinamente com a respectiva pasta.

Respondendo ao deputado Cunha Leal, diz não estar ainda habilitado a responder sobre o caso do cheque falsificado por ainda não ter tomado conta da pasta por onde ela corre.

Dá várias explicações sobre o caso e lê ofícios a ele referentes, por onde se verifica terem-se falsificado documentos para se adquirir material para a Aeronáutica Militar e outros, referentes a despesas com material do C. E. P., em França.

Cunha Leal lamenta que o presidente do ministério não venha habilitado a responder às suas perguntas. Não percebe o motivo porque, tendo-se falsificado documentos referentes a 240 mil francos de despesas se falsificaram depois cheques para o seu pagamento.

Tem de sair de Lisboa, mas ficará até hoje, se o presidente do ministério lhe poder responder a todas as perguntas por forma

a não continuar havendo dúvidas. O presidente do ministério explicará para que serviu a falsificação de documentos e trará cópia da correspondência confidencial trocada entre o sr. Vitorino Godinho e o Banco Nacional Ultramarino. «Venha com o recado bem estudado» — diz — e com todos os documentos. Venha aqui a responder a tudo, com espírito santo de orelha ou sem eles.

O presidente do ministério diz não ter tempo de tomar conhecimento absoluto de todos os documentos para dar hoje todas as explicações necessárias. E' a quarta vez que este assunto é levantado nesta câmara.

O sr. Cunha Leal, em aparte:

— Mas ainda está muito escuro! O presidente do ministério lê a correspondência referente à aquisição de material para a aviação, com documentos que não foram expedidos pelas repartições respectivas. O custo dêsse material foi de 21 mil francos, pagos pelo C. E. P., a quem ficaram em débito. Declara ter sido falsificada a assinatura de Vitorino Godinho, no cheque de 240 mil francos.

Interrogado pelo sr. Cunha Leal o presidente do ministério informa que foram falsificados cheques em 16, 17, 22 e 26 de Agosto de 1922; a falsificação de documentos descobriu-se em 18 de Agosto, no mesmo dia em que se deu pela existência do roubo de 240.000 francos, que só foi oficialmente comunicado em 20 de Outubro, data em que se recebeu a conta corrente do Banco Nacional Ultramarino.

Interrogado por Cunha Leal sobre o dia em que poderia responder às suas perguntas o presidente do ministério acordou que seria na quarta-feira.

Cunha Leal estranha que tendo-se descoberto as falsificações do sr. Almeida Pinheiro em 18 de Agosto, se esperasse até 20 de Outubro pela comunicação oficial de elas, dando-lhe tempo a fugir.

Insiste de novo com o sr. Vitorino Guimarães para trazer o recado bem estudado

e diz-lhe que mande alguém verificar se nos documentos com a assinatura de Vitorino Godinho há rasuras ou emendas.

O deputado Carvalho da Silva ataca os governos da república por terem deixado andar à vontade Almeida Pinheiro, que há 3 anos, cometeu uma burla de 240.000 francos, tendo até sido, depois disso, recebido oficialmente pelo alto comissário de Angola.

Segue num longo ataque ao regime, onde diz—é infundável a série de escândalos e roubos.

O dr. sr. João Camões considera insidiosas algumas afirmações do sr. Carvalho da Silva, dizendo que ninguém quer abafar este caso. Considera abaixo de toda a consideração a atitude do sr. Carvalho da Silva. Assume a responsabilidade do que acaba de dizer, em todos os campos.

O sr. Carvalho da Silva cresce para o dr. sr. João Camões, impedindo o sr. Tavares de Carvalho a agressão iminente.

O presidente suspende a sessão.

Nos Passos Perdidos, depois de várias tentativas frustradas, a cena de pugilato, entre aqueles dois parlamentares ocorreu por fim num recanto, sendo prontamente terminada pela intervenção de um oficial da guarda.

Reaberta a sessão o sr. Carvalho da Silva dá explicações à câmara. Lamentam o incidente os deputados Pedro Pita e Carlos Olavo.

O dr. sr. João Camões diz que, em sua consciência, as suas palavras não feriam a câmara, mas se assim é, renuncia ao seu mandato.

Sai da sala.

Sai Domingos dos Santos propõe que alguém vá convidar o deputado João Camões a reformar o seu lugar. Vários deputados se incumbem disso, acedendo o dr. sr. João Camões ao convite.

O deputado sr. Sá Pereira ocupou-se do movimento de 18 de Abril e das deportações.

Disse ser esse movimento destinado a estrangular as liberdades que a república decretou. A provar que os dirigentes sabiam bem que iam cometer um crime está o facto de um oficial do exército que sempre afirmou que não colaboraria em movimento algum, lá ter aparecido.

Fazer revoluções é fácil, tomar conta do Estado é missão mais árdua. Esse movimento não oferecia garantia alguma. Não vinha restabelecer a ordem e a paz. As sociedades não se governam à ponta de espada.

Refere-se a vários movimentos republicanos que foram feitos abertamente, e aos republicanos que nesses tomaram parte que nunca fugiram, nem mesmo no período do desembrasmo, quando eram ferozmente perseguidos.

Não sucedeu o mesmo com os revoltosos de 18 de abril, que andaram sempre escondidos. Eles tinham bem a consciência que não queriam libertar uma pátria, mas escravizar um povo. Foi por isso que o seu movimento não triunfou.

Lamenta que o governo não tivesse utilizado como devia as autorizações que o Parlamento lhe deu.

Deveria ter aproveitado essas autorizações para extrair vários escarabachos existentes nos organismos do Estado.

As deportações, sem prévio julgamento, são uma infâmia.

Referindo-se ao procedimento havido com os indivíduos acusados de fazerem parte da «Legião Vermelha», diz que para os bandidos existem os códigos.

Quem «combate» a «nefasta lei de 13 de fevereiro», nefasta porque representava um atentado às garantias de liberdade, tem também de combater as medidas ultimamente adoptadas.

Não aceita as deportações nos termos em que elas foram feitas; fora da lei, sem o necessário julgamento.

Não admite que não houvesse meia dúzia de juizes com competência para julgar os indivíduos deportados.

Grê que muitos dêles não têm culpas, não tiveram cumplicidade nos delitos que lhes atribuem.

Não se devem poupar os criminosos, — diz — mas também se não deve admitir que alguém, por mesquinha vingança de um polícia, seja deportado.

Sabe que um dos deportados, tendo delitos no seu passado, já soffera as consequências que pela lei, pelos tribunais lhe foram impostas, não tendo voltado a prejudicar de qualquer forma a colectividade. A provar que nada há a dizer do seu porte está o facto de ser funcionário do Estado.

Não aceita o critério adoptado nas deportações, que, efectuadas sem prévio julgamento, representam um atentado à liberdade.

Qualquer polícia pode lembrar-se que determinado indivíduo não praticou um crime, mas é capaz de praticá-lo, e esse indivíduo é deportado. Isto é monstruoso.

As deportações feitas nas condições em que o foram estas últimas, não merecem o seu aplauso.

Exige que todos os homens sejam julgados e só, então, deportados, se essa for a pena que os seus delitos mereçam.

Dirigindo-se ao presidente do ministério diz não acreditar que ele seja capaz de se associar a uma coisa que irá para a história classificada como uma infâmia.

Maldonado Freitas condenou vários actos dos governos para—disse—não se supor que os aprova.

Antonio Correia, falando sobre a questão do Rosmaninhal, disse não estar bem esclarecida.

O ministro do interior informa que foram dadas ordens para seguir para o Rosmaninhal um reforço da G. N. R., e que em breve irá um magistrado judicial fazer «in loco», um inquérito para apurar a quem pertencem, de facto, os domínios que originaram o conflito.

A revolta na China

O corpo diplomático dirige-se em termos violentos ao governo chinês

PEQUIM, 18.—O corpo diplomático enviou hoje ao governo chinês uma terceira nota redigida em termos muito energicos, chamando a sua atenção para a necessidade de restabelecer a ordem no mais curto espaço de tempo.

A nota termina dizendo que as potências interessadas usarão dos meios mais energicos para alcançar aquele «desideratum» se porventura o gabinete de Pequim não agir com a celeridade imposta pela situação.—(L)

Bibliotecas nos jardins públicos

Por iniciativa da Universidade Livre, inaugurava-se no próximo domingo no jardim de Santa Clara, às 15 horas, a 6.ª biblioteca nos jardins públicos.

Mais um operário atirado a tiro

por «fugir» à polícia

A polícia vai demonstrando a verdade profunda da frase que o sr. Vitorino Godinho proferiu no parlamento: «na polícia não há assassinos». Estamos de acordo também: não há assassinos na polícia. Isso não impede que a polícia continue assassinando os presos provando, por cada crime que comete, que o sr. Vitorino Godinho disse uma verdade e uma verdade irrefutável. Diamantino da Anunciação matou-o a polícia. Domingos Pereira, matou-o a polícia.

Na madrugada de ontem o marítimo José Cabaco foi agredido a tiro pela polícia, que não o matou por casualidade.

Desta vez a clássica mentira de que o preso pretendia fugir, não foi posta em prática da mesma maneira—teve uma pequena variante.

José Cabaco foi agredido a tiro porque desatou a fugir, recusando-se deste modo a obedecer à intimação da polícia.

Um jornal da tarde narrava o caso assim: Desde as 2 horas da madrugada que no Campo das Cebolas três indivíduos se tornaram suspeitos ao polícia que andava de giro. Este para ver de quem se tratava intimou os três indivíduos a deterem-se.

Os indivíduos ao receberem a intimação tentaram desaparecer, numa louca carreira. O polícia sacou da pistola, disparou, e um desses indivíduos suspeitos que era o marítimo José Cabaco tombou ferido.

«A versão deve ser dêsse famoso chefe Xavier que a impingiu aos jornais que tomaram a missão bem triste e bem aviltante de terem, por colaborador e mentor, um cadáver. Esses jornais estão evidentemente zombando da mentalidade do público, com essas estúpidas e famosas invenções do celeberrimo Xavier.

Acertando, porém, como verdadeira a mentirosissima versão do chefe Xavier, ela em nada arranca o odio deste crime. Então dispara-se sobre indivíduos de quem só moralmente se suspeita e atira-se-lhes a matar? Esses jornais estão, decerto ruminando odios, que só em assassinatos se comprazem. Só lamentamos a sua covardia em não defenderem abertamente a pena de morte aplicada a esmo, brutalmente, cobardemente pela polícia.

A versão que recebemos do hospital de São José desmente totalmente a dos jornais que vivem adstritos aos indigiosos procedimentos da polícia. Passamos a publicá-la na íntegra, sem a menor alteração:

«Continua na Sala de Observações do Banco do Hospital de São José, sob prisão sendo o seu estado satisfatório, aquele marítimo que, na madrugada de ontem, no Campo das Cebolas, foi ferido com um tiro nas costas. Chama-se José Cabaco, de 35 anos, casado com Amélia de Jesus, natural e residente em Alfeiteira (Alcoaga). Havia chegado, há dois dias, a Lisboa, de viagem dos portos de África a bordo do vapor «Abolito» da Companhia Colonial de Navegação e dirigia-se para bordo quando ao passar no Campo das Cebolas, viu que dois vultos se dirigiam para ele, não reconhecendo, devido à escuridão do local, que se tratava de dois agentes de polícia, fugiu então recoso de que fosse aquele que pretendesse roubá-lo, tanto mais que era portador de certa importância, pertencente a camaradas seus de bordo. A polícia ao vê-lo fugir, sem obedecer às suas intimações de «alto», fez fogo, indo, como dissemos, uma das balas atingi-lo nas costas.»

«É claro que estes policias não têm nome, nem número: são desconhecidos, são uma aviltante paródia do soldado desconhecido...»

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Quem achou?

O «chauffeur» Mário Cunha perde há dias uma carteira com algum dinheiro e documentos. Solicita a pessoa que a achou a fineza de a entregar na administração deste jornal.

Teatro São Luiz

Os artistas Rose Amy, Carmen Vargas e Marcel Valles estão dando neste teatro os seus últimos espectáculos; domingo estreia da cancionista Amália de Isaura.

Concerto musical no Parque do Campo Grande

A banda da Academia Philarmónica Triunfo e Aliança do Campo Grande, sob a regência do seu maestro, sr. Fernando Pimentel, realiza no próximo domingo um concerto das 18 às 20 horas, no coreto do mesmo parque, onde, com autorização do governador civil de Lisboa, um grupo de senhoras do Campo Grande, auxiliadas por uma comissão de senhoras da Recreio Operário A Portugal, procederão à venda da Flor.

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista?—Coligação das esquerdas—A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edições SPARTACUS Preço 6\$00

TIVOLI

TEL. N. 3174

ÀS 8 3/4

AO POLO NORTE

com o capitão Nelsom Smith

A região dos eternos gelos. Urso e focas em liberdade. Aspectos fantásticos a Gustavo Doré. Film do mais alto interesse sob o aspecto geográfico e zoológico.

PLASTIGRAMA

Pela primeira vez em Portugal cinematografia estereoscópica. Perfeita ilusão do relevo. Visões soltando-se do quadro cinematográfico.

PALHAÇOS

Adaptação cinematográfica da obra de Leoncavallo

Uma cine-farça—Uma cine-revista

A sala de espectáculos mais arejada de Lisboa

RENOVAÇÃO

A primeira revista gráfica que se publica no campo das ideias libertárias

Uma obra de depuração estética e pedagógica que se impõe, e que merece ser

impõe, e que merece ser auxiliada

Começam já chegando as afirmações de apoio e de entusiasmo. aplauso à iniciativa tomada pela Secção Editorial de A Batalha de editar uma revista gráfica de novos horizontes sociais que será um quinquenário de Arte e de actualidades, intitulada Renovação. Todos quantos nos fazem chegar o testemunho da sua solidariedade são unânimes em considerar a Renovação como uma obra de depuração estética e pedagógica que se impõe e que merece, portanto, ser auxiliada.

Como conhecemos o ardor da empresa a que nos abalançamos—e se a empreendedores é porque pensamos em pôr nela a nossa vontade mais do que a nossa suficiência—confiamos o êxito da Renovação ao apoio moral e material que nos prestem os que com a sua publicação simpatizem, e ao concurso das penas mais ou menos experimentadas dos nossos literatos, isto é, dos literatos que militam no nosso campo de ideias.

Renovação será como que a barricada onde queremos que se entrincheirem todas as pessoas de estudo e pensamento que com a sua caneta—que é a arma da alma e da inteligência—lutam por uma sociedade melhor, combatem por um ideal de Beleza, de Humanidade e de Justiça.

Todos quantos da pena se servem como de cartamelo demolidor da rotina, da ignorância e dos preconceitos; todos quantos da pena se servem como de arado abrindo nos espíritos os sulcos para receberem a semente da ideia nova; todos quantos argamassam, dia a dia, com a tinta dos seus tinteiros os alicerces da Sociedade Futura, são chamados a vir dar combate, numa frente única, nas colunas da Renovação. Que não mais sirva como razão do seu mutismo ou da sua inactividade, a falta de tribuna donde proclamar os seus sonhos, os seus protestos e as suas anseios, a falta de um campo onde se possam encontrar, ombrear com o povo trabalhador militante, activo, idealista. Essa tribuna vai ser construída, esse campo vai-lhes ser franqueado pela classe trabalhadora. Chama-se essa tribuna Renovação e nesse campo que é a revista—encontrar-se-hão, conhecer-se-hão, compreender-se-hão, aprenderão a estimar-se e a considerar-se manuais e intelectuais,—trabalhadores todos êles—irmãos no sofrimento, irmãos na mesma crença e no mesmo anseio—a felicidade humana, a felicidade para todos.

«Os filhos da noite»

Da Associação de Classe dos Fragateiros do Porto de Lisboa recebemos ontem o seguinte comunicado:

«Publicava ontem o Diário de Notícias uma local com a epigrafe: «Os filhos da noite» onde se afirmava que esta classe tinha protestado em sua reunião, contra um denunciador de vários indivíduos que têm cometido furtos de trigo no Tejo. A bem da verdade devemos salientar que este organismo reunido em assembleia geral no dia 16 do corrente protestou unicamente, dando a suspensão de trabalho da fragata onde andava o tripulante Casimiro Tavares, por este não cumprir com as deliberações do seu sindicato, não sendo verdade que tivesse protestado contra as últimas prisões por furto de trigos que se têm dado no Tejo. Esta classe não se opõe a questões de semelhante ordem, pois com tal atitude sairia fora das leis que a regem.»

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alamo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Capas e índice em separado, 15\$00.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha

TEATRO SÃO LUIZ

Todas as noites a representação da linda «Bluette»

CHIC-CHIC

LINDA MUSICA INTERESSANTES SCENARIOS

DOMINGO, 21

Estreia da cancionista cómica Amália de Isaura

TEATRO NOVO

NO PALACIO TIVOLI

AINDA ESTA SEMANA SE REALIZA

AVANT-PREMIERE

da peça do escritor PIRANDELLO

UMA VERDADE PARA CADA UM

Encenação de OIL FERREIRA

Assinem OS MISTERIOS DO POVO

A guerra de Marrocos

Painlevé assevera que Abd-el-Krim será obrigado a render-se...

PARIS, 18.—O sr. Painlevé comunicou ontem às comissões da câmara os resultados da sua viagem a Marrocos, declarando que Abd-el-Krim, agora bloqueado, estará rapidamente em condições de não poder prosseguir a luta e será obrigado a render-se.—(L)

... mas o chefe moçar projecta uma grande ofensiva

PARIS, 18.—O sr. Painlevé entrevistado pelo representante de um jornal disse ter adquirido a certeza na sua viagem a Marrocos de que Abd-el-Krim conta com o auxílio das nações muçulmanas para o êxito da sua projectada grande ofensiva, mas esse auxílio de nada valerá desde que se efectue o bloqueio da costa do Rif.—(L)

O império colonial da França em jogo

PARIS, 18.—«Le Matin» julga saber que o sr. Painlevé considera o problema de Marrocos como uma questão nacional pondo em jogo o império colonial da França e se conservará no poder em quanto as câmaras lhe assegurarem uma maioria, sem ter em conta a atitude dos diferentes grupos.—(L)

O governo francês na iminência da queda

PARIS, 18.—O partido socialista deliberou hoje sobre a sua orientação parlamentar e, especialmente, se deve ou não continuar a apoiar o governo.

Se se pronunciar pela negativa, corresponderá a rutura do chamado «cartel» das esquerdas.

O «Quotidien» diz que a actual situação deve levar à queda do gabinete, mais ou menos próxima, mas o «cartel» se salvará.

«L'Ere Nouvelle» considera injustos os ataques feitos ao gabinete e espera que a ponderação e o bom senso dos partidos republicanos evitem uma crise ministerial no actual momento.—(L)

Barreiro

Visitas importunas

BARREIRO, 18.—Encontram-se nesta vila, desde o dia 16, seis agentes da P. S. E. Não sabemos se andam em «missão de estudo», pelas visitas que têm feito às diferentes oficinas dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Hoje vimos-nos no mercado a passar revista às patas dos diferentes cavalos e muarees que ali se encontravam. Andarão a ler a «buena-dicha» aos pobres quadrupe-des? Ou será para a estatística dos bem e mal calçados? O mais acertado será para receberem inspiração.

Para passarem hoje o tempo foram visitar, pelas 6 horas, a Associação dos Corticeiros. Como as gavetas do núcleo da Juventude Sindicalista, ali instalado, se encontrassem fechadas encontraram pronto remédio com chaves que traziam no bolso e assim, abrindo-as, levaram o livro de actas, a correspondência e uma pasta com diversos documentos.—C.

Colégio Calipolense

Promovidas por uma comissão de alunos do Colégio Calipolense realizam-se hoje e amanhã na respectiva sede, rua Eduardo Coelho, 66, deslumbrantes festas com o programa que segue: Hoje—Bodo a 200 pobres, às 16 horas, o qual será precedido de algumas recitações e trechos de canto pela distinta amadora sr. D. Isabel Pego; abertura da exposição de trabalhos escolares; apresentação de exercícios de ginástica sueca e demonstração de dança popular. Amanhã—Baile, às 22 horas.

A comissão teve a gentileza de nos enviar 5 senhas para o bodo. Agradecemos em nome dos nossos contemplados.

Desastre

Na enfermaria de Santa Joana deu entrada Maria Luísa Clara de Oliveira, de 44 anos, natural de Lisboa, praça da Alegria, 71c, que tentou suicidar-se precipitando-se da janela da residência à rua, fracturando uma perna e ficando ferida no rosto.

Motociclistas infelizes

A noite passada desceu pela Avenida da Liberdade uma moto da qual era chauffeur Mário Ferreira Nunes, de 29 anos, morador na travessa da Glória, 19, 3.º dt.º transportando na respectiva side-car, Virgílio Prieto, de 30 anos, morador na travessa da Espera 45, 1.º, quando esta devido a qualquer manobra errada, foi chocar com uma árvore, sendo os dois cuspidos do veículo e ficando com vários ferimentos nas pernas e rosto. Depois de receberem curativo no Banco do Hospital de S. José seguiram para casa.

Realiza-se hoje saindo do Hospital de S. José para o cemitério de Benfica o funeral da Januário dos Santos, aquele comerciante de Santarem, que ali, no campo Sá da Bandeira, ao descrever uma curva, foi cuspidado da moto que guiava, vindo a falecer na enfermaria de Santo António no dia 15 último, como então noticiámos.

DESPORTOS

A Seleção Portuguesa vence a Italiana por 1-0

Num jogo correcto e leal, bastante emotivo e rápido, a selecção nacional conseguiu ontem, perante um adversário de grande valor, impôr-se e conquistar a sua primeira vitória em jogos internacionais. Com uma assistência de público pouco inferior à que assistiu ao último Portugal-Espanha, atendendo a ser um dia de trabalho, o Estádio oferecia um aspecto imponente.

A equipe italiana, de camisola azul e calção branco, é a primeira a entrar no campo, ovacionada pelo público, efectuando por sua vez as saudações do estilo a meio campo do lado da presidência primeiro, para o lado dos peões depois. Seguem-se os portugueses de camisola encarnada e calção preto, equipe vistosa, recebida com entusiasmo pelo público que a vitória com calor.

Os capitães trocam os tradicionais galhardetes, por sinal artísticos, de séda das cores nacionais bordados a ouro, e uns formosos ramos de cravos. Aterram, árbitro belga apita para o início do encontro, cabendo a sorte da escolha à equipe italiana.

Saem os portugueses em jogada de pouco efeito, que leva a bola fora; é marcado o primeiro livre contra Itália e seguidamente contra os portugueses por mau lançamento feito por Fonseca. Há uma avançada portuguesa excelentemente conduzida, rematada por Delfim muito bem como bem defendeu Combi guarda redes italiano.

Os capitães trocam os tradicionais galhardetes, por sinal artísticos, de séda das cores nacionais bordados a ouro, e uns formosos ramos de cravos. Aterram, árbitro belga apita para o início do encontro, cabendo a sorte da escolha à equipe italiana.

Saem os portugueses em jogada de pouco efeito, que leva a bola fora; é marcado o primeiro livre contra Itália e seguidamente contra os portugueses por mau lançamento feito por Fonseca. Há uma avançada portuguesa excelentemente conduzida, rematada por Delfim muito bem como bem defendeu Combi guarda redes italiano.

A linha italiana, de constituição atlética excelente, superior, assenta o seu jogo começando a inquietar por vezes as redes de Vieira. Este um tanto nervoso para por vezes mal, mas com valentia, não permitindo, entretanto, a pesar de carregado que a bola entre.

Há equilíbrio nas jogadas, conquanto os italianos pesem um pouco mais no campo dos portugueses.

Registam-se duas boas defesas de Chico Vieira, mais seguro já, e outras tantas de Combi. Numa avançada perigosa, da linha dianteira vermelha, Mário sofre uma rasatura no momento próprio, dentro da área. O árbitro marca um livre contra Itália, protestando o público porque, a marcar, deveria ser uma grande penalidade.

O ponto da vitória

A sete minutos do fim regista-se um pontapé de canto contra Itália. Marca-o primorosamente Domingos Neves que joga a extremo-direito. Combi carregado por Mário mal toca na bola dando lugar a que João Francisco lhe meta na rede com facilidade.

A multidão aplaude freneticamente e o ataque português intensifica-se quando os 45 minutos decorridos põem termo ao primeiro tempo.

Na segunda parte

Saem os italianos que perdem a bola avançando os portugueses sem maior resultado por intervenção de Caligaris, defesa esquerda, que tem estado simplesmente colossal. A linha avançada nacional, ligando muito melhor, impõe por momentos o seu jogo, mas a defesa contrária e seguríssima.

Os italianos reagem por sua vez e reconquistam o seu domínio que não é absoluto, mas que põe em risco as redes portuguesas, especialmente a ala direita dos «azuis» que trabalha muito bem a bola, obrigando Cesar e Jorge a um trabalho fatigante. Chico tem uma parada admirável a um forte remate, perto das redes, feito pelo interior direito, Balonciéri, «chutador» emérito.

Augusto Silva e Cesar têm salvo milagrosamente duas bolas certas.

As avançadas dos portugueses, embora em menor número do que as dos adversários são perigosas pela excelente condução de jogo do trio central. Tamaqueiro, o melhor dos portugueses intercepta e distribui jogo com uma pericia notável. Os italianos carregando um tanto mais, têm remates infelizes, observam-se mais dois ou três pontapes de canto que nada resultam. São vinte horas e dez minutos e a ansiedade do público é travada pelo árbitro que apita dando o encontro por terminado.

Já não havia dúvidas, a selecção portuguesa conseguia um resultado, no marcador, igual ao da Espanha, e no campo, superior, porque o domínio dos italianos foi no Estádio menos acentuado do que em Valência.

O público, entusiasmado, invade o campo, ovacionando vencedores e vencidos, conduzindo alguns em triunfo.

Dos jogadores

Os melhores dos portugueses foram Tamaqueiro, Pinho, Jorge, Francisco Vieira, seguidos por Delfim, Cesar, João Francisco, Mário, Augusto Silva, Domingos Neves e Fonseca.

Este último, do Porto, tem qualidades para fazer melhor lugar, mas há a atender a sua pouca experiência em jogos de responsabilidade como o de ontem e ainda o ser mal servido pelo seu interior, que tem o defeito de esquecer o ponto.

Nos italianos notabilizou-se, a defesa especialmente o esquerdo que ainda não vimos melhor. Guarda-redes bom. Os meios excelentes, momentaneamente o centro Burlando e o direito Genovesi. Do ataque evidenciou-se pela sua admirável colocação e boa condução nas jogadas a ala direita Conti e Balonciéri.

A arbitragem viu bem as deslocções, não se deixando influenciar, punindo com consciência tudo que viu. Foi agradável a impressão que deixou, pela sua imparcialidade.

Falámos com Ribeiro dos Reis brilhante jornalista desportivo e seleccionador da equipe portuguesa. Patenteou-nos a sua satisfação pela conduta do onze nacional e num contentamento discreto declarou-nos que para êle todos foram bem... deram o melhor.

Jorge Vieira é que não oculta o seu júbilo, já não só pela vitória, mas pela correcção dos seus homens e pela lealdade dos adversários.

São excelentes jogadores—declaramos—e uma constituição atlética que os impõe, tendo-me maravilhado a forma como decorreu o encontro sem um acto, que de qualquer lado empanasse o brilho que em encontros internacionais, como estes, se observam por vezes, quando a sorte não se amerceia...

Mr. Ahenkerkan diz-nos: «Julgo-me satisfeito em me ter deslocado de tão longe, pois há muito que não observava um jogo tão agradável, emocionante e sobretudo leal. Sim, a arbitragem foi-me muito facilitada pelos vinte e dois homens que pela primeira vez se encontraram...»

As suas impressões sobre os jogadores?—Dos portugueses, achei excelente o

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No São Carlos

Recital de D. Margarida Lopes de Almeida

Há muito poucas pessoas que saibam dizer versos e tanta gente há que quer recitar, *malgré tout*... Há mesmo restrições para os que recitam, porque assim como nos gêneros dramáticos uns se inclinam para este ou para aquele, na poesia a vocação de dizer amolda-se melhor a esta ou aquela modalidade.

E, não são as composições pequenas as melhores de interpretar.

D. Margarida Lopes de Almeida deu o segundo recital de versos portugueses e brasileiros. Fez-se ouvir perante um público escolhido e numeroso sugestivamente já pelo primeiro recital em que esta senhora parece ter marcado a sua individualidade de «diseuse».

Para nós foi uma estreia a segunda audição. D. Margarida Lopes de Almeida tem evidentemente qualidades que, melhor aproveitadas, lhe grangeariam também melhor nome.

O que mais vincadamente se nota na *diseuse* é a clareza da inflexão. Voz branca, de bom timbre. Que interessante seria a distribuição das notas vocais num sentido gradativo que não prejudicasse o poliorismo dos versos de maior scintillação emotiva.

Nem sempre o sentimento da dicção corresponde ao faceto das frases, ao fa-la das ideias. No soneto de Eugénio de Castro ao filho «Martins» a recitadora não atingiu o extase, a visão do pai que augura grandezas para o filho. Não houve recolhimento, esperança, candura paternal, cegueira de afecção. A voz ergueu-se alto de mais. E, no final, quando a vida foge ao ente divinizado, a desluzo, o torpor, o desfazer das aspirações não teve na voz da *diseuse* a expressão exacta, porque o som vocal foi imprópriamente gritado.

Nem sempre no grito reside a tragédia. Na «dança do vento» de Lopes Vieira a volúpia do abraço do vento à chuva, não houve o movimento enlaçante do gesto a exprimir a carícia da envolvimento.

19-6-1925 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 455

vexados com taxas, e se não podem pagá-las, os seus bens são confiscados. Filipe o Belo, apesar da sua guerra continua contra os ingleses, quer lançar contribuições na Flandres, país livre, ilustrado, industrial e muito pouco católico; mas Pedro Kaning, valoroso plebeu, decano da corporação dos tecelões de Bruges, pondo-se à frente dos seus colegas e das outras corporações de artistas, castiga tão rudemente Filipe o Belo e a sua cavalaria que pretendia, dizia ela, enfrear aqueles labregos, que os ditos labregos, exterminando em Courtrai a nobreza francesa (1302), levam como troféu da sua vitória quatro mil pares de esporas douradas, tiradas dos saltos daqueles valentes guerreadores de torneios. Filipe o Belo, derrotado vergonhosamente deste modo, obrigado a renunciar às riquezas de Flandres, em grandes apuros, não tendo já nem judeus nem lombardos a expor, rouba aos burgueses não só a sua baixela como também os móveis e começa o seu ofício de moedeiro falso, pagando em moeda falsa, e recebendo em boas peças de ouro e de prata. O clero possuidor de imensas riquezas, ameaçou Filipe o Belo com a excomunhão se ele se atrevesse a tocar nos bens do Senhor.

Este príncipe escarneceu destas ameaças, tão assustadoras no reinado de Filipe Augusto, porque os tempos tinham mudado. Bonifácio VIII tentou recrutar o rei contra o sequestro dos domínios eclesiásticos. Filipe o Belo respondeu a este Bonifácio improvisando um papa a seu modo na pessoa de Bertrand de Goth, arcebispo de Bordeus, o qual se instalou no condado de Avinhão. Houve então dois papas, um que residia em Roma e o outro em Avinhão. Este último, em compensação do seu papado, teve de conceder a Filipe o Belo a condenação dos Templários. Estes frades soldados, sangüinários e devassos tinham durante a sua guerra na terra santa, saqueado naquele país enormes riquezas. O rei desejava ardentemente vê-las entrar nos seus cofres; de sorte que o seu papa Bertrand tendo-lhe outorgado a condenação dos Templários, foram acusados de magia, de bruxaria, tortura-

dos, e queimados no seu rico palácio do Templo em Paris, depois do que os seus despojos pertenceram a Filipe o Belo. Este rei dos ladrões e dos falsos moedeiros morreu em 1314; um de seus filhos, Luiz, chamado o Estroina, sucede-lhe. Neste reinado, os senhores feudais recobram parte do seu poder, que os reis, desde Luiz o Gordo, tinham constantemente atacado ou arruinado. A restauração da feudalidade faz pesar mais cruelmente ainda o jugo da servidão sobre os servos e sobre os vilões. Luiz o Estroina vendo a crescida audácia dos senhores, entra em luta contra eles não pelas armas mas por outros meios. Grande número de altos barões, acusados de conivência e de comércio com o diabo são torturados e supliciados; sucedem-se os processos ao mesmo tempo estúpidos e atrozes. Luiz o Estroina morreu em 1316; seu irmão Filipe V sobe ao trono pouco tempo depois em 1332, Carlos IV, ou o Belo, último filho de Filipe, sucede a seus dois irmãos. Então começa uma série de crimes, e de horrores vertiginosos. Parece terem chegado de novo os tempos espantosos dos primeiros descendentes de Clovis o Degolador. Duas rainhas das francesas são degoladas: Isabel, irmã de Carlos o Belo, casada com Eduardo II rei de Inglaterra, liga-se com o seu amante Mortimer para conspirar contra o marido a quem expulsa do trono, protegida por Filipe o Belo, que ela assassina mais tarde, empalando-o com um ferro em brasa; suplicio atrás de Fredegonda e Brunehaut não tinham nunca imaginado.

Isabel, essa mãe adúltera e homicida acabou mais tarde os seus dias num mosteiro, onde a mandou clausurar seu filho Eduardo III, quando por sua maioridade ele cingiu a coroa de Inglaterra. Por morte de Carlos o Belo (1328), uma sorte de revolução se opera em consequência da transmissão da coroa que os reis da raça estrangeira na Gália tinham o costume de legar de varão em varão, segundo a lei sálica, antiga lei dos franceses, que excluía as mulheres da realeza. Carlos o Belo, quando morreu, não deixou nem filhos, nem irmãos. A herdeira do trono teria sido sua irmã,

então regente de Inglaterra durante a menoridade de seu filho, aquela mesma Isabel que empalara seu esposo com um ferro em brasa.

Filipe de Valois, primo de Carlos o Belo, reivindicou a coroa na sua qualidade de varão próximo parente do rei defunto, e reconhecido pelo parlamento, primeiro como regente, depois como rei, inaugurou o deplorable reinado dos Valois. Este Filipe, ambicioso, guerreador, tendo necessidade para guerrear da nobreza feudal, dispensa os senhores de pagarem as suas dívidas contraídas com os burgueses, derroga os privilégios das comunas, falsifica as moedas segundo o real costume, duplica os impostos, submete os bens da Igreja a onerosas taxas e ameaça o papa João XXIII de o mandar perseguir e condenar como hereje pela universidade de Paris. Recusa a este pontífice o direito de levantar, durante dez anos, o dizimo das cruzadas, que o povo empavorecido continuava a pagar à Igreja, posto que já não houvessem cruzadas desde longo tempo. João XXIII, segundo o costume dos padres, adia e usa de estratagemas, enquanto a livre e industriosa Flandres, sublevada pelo fabricante de cerveja Jacquemart Artevelde, organizando, como o seu predecessor Kaning, as corporações de ofícios, faz respeitar os privilégios das comunas do norte e se opõe aos novos saques do rei dos franceses, obrigado a prosseguir a guerra contra Eduardo III, rei de Inglaterra, que possuía, como seus avós, um terço da Gália, e contra a Bretanha. Esta altiva província, outrora livre, tinha caído debaixo do jugo feudal, mas não queria pelo menos afrontar senão o domínio dos senhores da raça armorica e prosseguia contra o rei dos franceses a luta que este povo indomável tinha em outro tempo tão heroicamente sustentado contra os reis francos, descendentes de Clovis e de Carlos Magno.

Filipe de Valois, tão arto como sangüinário, chama a Paris os mais influentes dos chefes bretões, e, apesar da fé jurada, manda-os decapitar. As guerras civis e estrangeiras continuam a devastar a Gália;

Eduardo III, rei de Inglaterra, apodera-se de uma parte da Normandia e leva a destruição até Bolonha e Saint Cloud. Alguns dos seus troços avançam até mesmo aos muros de Paris. — Finalmente, em 1346, Filipe de Valois e a sua cavalaria, ignominiosamente derrotados na batalha de Crecy, vêem em 1357 Eduardo III apodera-se de Calais, uma das portas da Gália. Esta cidade não escapa ao incêndio, à mortandade, e ao saque senão pela dedicação de Eustáquio Saint-Pierre e outros burgueses que vão, de corda ao pescoço, oferecer-se à morte para salvarem a vida dos seus concidadãos. Tendo rebentado uma horrível peste em 1348 ela pôe cumulo a estes males e despoja o terço do país.

Filipe de Valois, depois de ter ameaçado o papa e de o ter feito condenar como hereje, achando útil aos seus interesses dar provas de catolicidade, para se tornar agradável ao pontífice de Roma, promulga uma ordenança contra os blasfemadores. A primeira blasfémia, perdia-se um beijo, a segunda o outro, e a terceira arrancavam-lhe a língua; tratavam do mesmo modo aqueles que ouvindo blasfemar, não denunciavam o criminoso. Finalmente, Filipe de Valois morreu em 1350 e deixa a coroa ao rei João, que reina na Gália no começo da seguinte legenda. Dissipador e ambicioso, cruel e devasso, e de mais a mais grande moedeiro falso como seus avós, este novo rei vê na Gália uma presa que reparte com seus favoritos.

Mandou matar o condestável de Eu, conselheiro de Filipe de Valois; e mandou apunhalar à sua vista os principais fidalgos da Normandia, partidários de Carlos o Mau, rei de Navarra, a quem João deu uma de suas filhas em casamento e que reclamava a Champagne, de que fora esbulhado por seu real sogro. Os impostos são excessivos, a burguesia arruinada, o comércio nulo, as comunicações estão por toda a parte interceptadas; não se atreve ninguém a sair das cidades com receio de cair em poder dos bandos de peões, da gente de Navarra, de mercenários e de outros salteadores que infestam a Gália; a fome começa, os

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE JUNHO

Q.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	1	12	19	26	Aparece às 5,12
D.	13	20	27		Desaparece às 20,04
S.	14	21	28		FASES DA LUA
S.	1	15	22	29	Q. C. dia 1 às 8,13
T.	2	16	23	30	L. C. " 9 " 3,33
Q.	3	10	17	24	L. M. " 23 " 23,40
					L. N. " 25 " 2,38

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Est. Lus. — A's 21 — "Chic-Chic". Variedades por Rose Amy e Marcel Valies.
Frenchie — A's 21 — "O mundo e assim". Os autores dos meus dias.
Joaquim de Almeida — A's 21 — "A Severa".
Teatro Novo — A's 21, 23, 25 — "Knock ou A vitória da Medicina".
Marta Vitória — A's 20, 22, 24 — "Rataplan".
Juventude — A's 21, 23 — "Irmãos e A Glória".
Pellegrina e Olympia — A's 14, 20 e 26 — "Anima-tógrafo". — "Kean".
Epilo — Desde as 20, 30 — Animatógrafo.
Sélio Toy — A's 20, 30 — Variedades.
Lil Vicente (a Graça) — A's 20 — Animatógrafo.
Lennia (da Praça) — 10 das 21 noites — Concertos e diversões.
CINEMAS
Olympia — Chido Terras — Salão Central — Cinema.
Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-perança — Chantecier — Tivoli — Tortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas d'oca e moedas, tubos, moedas, chaminés de 2 a 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quocunq.

Dirigido por Pedro A. Francisco Pereira Lata

E a casa que fornece em melhores condições.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO

SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA

Sapatos para senhora 30/30
Sapatos em verniz 38/30
Botas pretas (grande salto) 28/30
Botas brancas (saída) 28/30
Grande salto de botas pretas 38/30
Botas de couro para homem 40/30

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.

Vem, pois, só lá encontra bom e barato.

A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 60.

CONSELHO TÉCNICO

DA

CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone, C. 5339

Escritório:

Calçada do Combro, 38-R. 2.º

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorrágico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

— farmácias e drogarias —

Ró Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorrrias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distinto médico operador dr. sr. Cristiano de Moraes.

Caixa 10\$00

Depósito Geral

A. Costa Coelho

Bom Jardim, 440 — PORTO

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLÍNICA MÉDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 9 (R. do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 (ao Luciano Cordeiro)

SABONETES JACOBUS

SOCIEDADE DE PRODUTOS QUÍMICOS, LIMITADA

CAMPO DAS CEBOLAS, 43, 1.º — LISBOA

MATERIAL ELÉTRICO

MONTAGENS E REPARAÇÕES

FORÇA MOTRIZ

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L.ª

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16

LISBOA

Anilinas Jacobus

As melhores para tingir em casa toda a qualidade

— de tecidos —

Côres garantidas — Vendem-se em toda a parte

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura

do dr. R. Wolff — Berlim

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem succedidos. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de outras substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumula no organismo e não produz efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos

Ilustre consultor este produto com outros similares

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

Envia-se oculto — Preço: 1750; pelo correio, 1850

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de côr,

para marcenários,

serradas em todas as grossuras.

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglozinhos, 50 — LISBOA

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milhão, 2800. Por

quios, grandes descontos. Isqueiros

AUSTRIA E PORTUGAL, tubo lar-

go, boa niquelagem, diâmetro 22/30.

Tubos fechados e abertos, lampre-

lhos, moias, rodas d'oca e massicas.

Pedidos ao único representante em

Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.

Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

"ASFALTO"

O melhor para evitar a humidade das

paredes e muito especial para celeiros.

JOSE AUGUSTO ALVES

16, R. VITORINO DAMAZIO, 18

A PRESTAÇÕES Fatos e Sobretudo no rigor

da moda

RUA DA ESCOLA POLITÉCNICA, 55, 2.º

CALÇADO BARATO

SÓ VENDE

O

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Botas de vitela

branca, 50/50

Botas de vitela

branca de 1.º 50/50

Botas calf preto

de 1.º 70/50

Botas calf preto

formalmoderna 85/50

Botas calf cor, 2

solas coradas, 80/50

Sapatos verniz,

canos camurça 65/50

Sapatos calf, ca-

nos camurça, 60/50

Sapatos verniz,

salto raso, 70/50

Sapatos verniz,

salto raso, 70/50

Sapatos verniz,

salto raso, 70/50

Sapatos verniz,

salto raso, 70/50

Sapatos verniz,

salto raso, 70/50

Sapatos verniz,

Menstruação

Aparece rapidamente

tomando o

FERREOL

Não prejudica a saúde. Caixa 15\$00.

Envia-se pelo correio à cobrança.

R. da Escola Politécnica 16 e 13

LISBOA

Pedras para isqueiros

aos quios, aos milheiros e aos centos.

Tubos, rodas, pipas, fundos e moias de aço,

tudo que é preciso para fazer isqueiros.

Venda em grandes quantidades aos melhores

preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros

(Qualidade garantida)

DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS

Rua do Arsenal, n.º 83 — Lisboa

RUA DO AMPARO

A sapataria mais económica

de Lisboa

28

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

União Têxtil, Lda., realiza em preço

e qualidade com as melhores lãs do mundo.

Experimentem, pois, as nossas lãs que se

encontram à venda em todos os bons estabele-

cimentos de ferragens do país.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

19-6-1925 OS MISTÉRIOS DO POVO N.º 456

gêneros estão por um preço excessivo, a ruína é geral, salvo na corte sumptuosa do rei João e nos solares dos senhores, onde vão sumir-se as riquezas tão penosamente adquiridas pelo comércio dos burgueses, e pela indústria dos vilões e dos servos.

E agora, filho de Joel, lê esta narração que começa durante o sexto ano do reinado de João.

Um domingo, no fim do mês de Outubro do ano de 1356, um grande movimento reinava, desde pela manhã na pequena cidade de Nointel, situada na distância de algumas léguas de Beauvais. Já a taberna de Alison a Ralhadora (assim chamada em razão de seu gênio rabugento, posto que fosse boa e caridosa mulher) se enchia de artistas, de vilões e de servos, que vinham esperar a hora da missa nesta taberna, onde, graças à miséria do tempo, se bebia pouco e se falava muito, do que Alison não se queixava; tão tagarela como rabugenta, gostava mais de ver a taberna cheia de empressadores do que vazia de bebedores; ainda fresca, posto que já houvesse passado dos trinta anos, usava saia curta e colarinho recortado, talvez porque tinha o seio rechonchudo e a perna torneada. De cabelos pretos, olhos vivos, dentes brancos, não leve, Alison, depois da sua viuvez, tinha muitas vezes quebrado os copos na cabeça dos bebedores mais expressivos na sua admiração pelo encanto que ela tinha; por isso como boa dona de casa, substituiu por precaução, os copos de barro por copos de estanho. Alison parecia estar esta manhã de mau humor, ao vê-la a frente enrugada, os movimentos bruscos e a palavra áspera e ralhadora. Não tardou a entrar na taberna um homem de idade madura; a sua cara, queimada do sol não tinha nada de notável senão dois olhos penetrantes a artoiros, quasi escondidos debaixo das suas espessas sobrancelhas grisalhas como o seu cabelo espesso que lhe saía em desordem do barrete



O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Terceira sessão, em 21 de março

Está na ordem do dia o assunto da luta contra a reacção internacional. Borghi faz uso da palavra como relator e diz pouco mais ou menos o seguinte:

O orador considera a luta contra a reacção sob o ponto de vista de ter em conta a reacção tal qual como ela se apresenta hoje. Fala das diferentes modalidades reaccionárias; Crispijns adapta o sistema de Bismarck, o fascismo tem outras características. Faz uma exposição do que é o fascismo e compara-o com as outras formas da reacção para fazer sobressair as suas características únicas; o fascismo tem o pior das outras formas, é um monstro de uma espécie nova; manifesta-se até com uma certa demagogia proletária, mas é como uma fortaleza em que os que a edificam ficam prisioneiros. O fascismo destruiu todas as organizações operárias, mas ao mesmo tempo reconheceu os sindicatos.

Ultimamente, quando se julgava que existia a ordem mais completa, estava em Milão uma greve de cem mil operários metalúrgicos dirigida pelos fascistas. O fascismo, pois, não pode explicar-se com as definições correntes da reacção. A tomada de Roma teve por fundamento a captação prévia do proletariado. Mussolini explorou o medo da burguesia, mas nunca esteve à frente de qualquer coisa; em tudo é contraditório; o primeiro que aplaudiu e fez compreender a significação do primeiro ensaio de ocupação das fábricas em Itália.

Segundo ele é necessário saber como se produziu a doença para prever o fim da mesma. Antes do fascismo, operária a reacção da burguesia inteira (Giolitti, os machos, etc.) contra o perigo da revolução proletária. A democracia, que hoje aparece vencida pelo fascismo, não é vítima deste, mas sim do seu cúmplice. A concepção de que, com o leme do Estado nas mãos, tudo se pode dominar: a banca, a política, a economia, etc. é comum a fascistas e bolchevistas. Mas a burguesia resistiu ao fascismo quando o julgou conveniente e exigiu a divisão do poder, ao compreender que o fascismo tudo desejava.

O orador dá uma explicação dos motivos do assassinato de Matteotti, que despertou de tal modo o sentimento de indignação proletária. A democracia viu nesse despertar das massas um perigo iminente de revolução e por essa razão não quer acompanhar o proletariado embora seja adversário do fascismo.

Um governo não poderá nunca conceder a liberdade e nós nunca nos devemos solidarizar com ele. Os maritimos quando navegaram em mares desconhecidos, consultam a cada instante a bússola e nós devemos consultar a bússola dos nossos princípios nos momentos difíceis e tenebrosos. Os nossos princípios, que são verdades experimentadas, têm um certo valor e é necessário que o tenhamos em conta e que não o menospresemos.

Em Itália e em Espanha a reacção não só

subevou o proletariado, mas também muitos elementos e partidos democráticos. O orador pede para que o congresso se resolva com respeito a essa situação.

Nota que a burguesia não pode realizar outro ano como o de 1935, pela simples razão de que em 43 não havia proletariado. Na guerra de classes o dinheiro não faz a guerra, mas impede-a; o bolchevismo demonstrou-o e em Itália acaba de se produzir o mesmo fenómeno. O 48 que se aproxima, já não pode ser político, mas sim social. Há momentos críticos na história em que se necessita determinar com mais segurança o que não devemos fazer, do que o que devemos fazer. Um desses momentos é o actual.

Ele, orador, é partidário de uma acção em conjunto com outras forças adversas à ditadura, mas não de uma aliança ou «entente», pois esta última traz consigo compromissos e o proletariado revolucionário não pode aceitar compromissos com quem não está disposto a ceder às reivindicações populares. Nem todos os inimigos dos nossos inimigos são nossos amigos.

O orador expõe em seguida para apoiar a sua tese a situação análoga de Itália e de Espanha.

Carbó, Espanha, lamenta que a falta de tempo não lhe permita dizer tudo o que deseja. Distingue a acção e a atitude dos sindicatos perante as massas, por um lado, e por outro perante os partidos políticos. Nós, anarquistas, temos direito a propagar as nossas ideias, mas sem peder de vista a realidade em que vivemos. A aurora não se produz por geração espontânea, nem tão pouco num laboratório, a aurora aparece todos os dias e a todos os momentos.

Duras realidades obrigaram os organismos revolucionários de Espanha e de Portugal a adoptar certas atitudes. A reacção em Espanha e em Itália não se teria produzido se a classe burguesa não tivesse adquirido uma grande potencia reaccionária, as que foram a causa da ditadura militar foram os elementos democráticos liberais.

Em Barcelona, o centro revolucionário da península, existia um partido nacionalista, que viu o perigo que representavam as lutas operárias para o futuro do regime capitalista. Compreendeu que tinha chegado a hora final. A burguesia catalã serviu-se então à força e deu origem ao golpe de Estado. O golpe de Estado em Espanha não teve programa algum. Primo de Rivera, um degenerado, confessou mais tarde os fins desejados: após ter estado três anos fora da lei que faz acreditar que havia de estabelecer as garantias constitucionais e que era necessária a substituição de Martínez Anido. O receio dos atentados foi o que levou os liberais a descerem a volta à normalidade. A morte de Dato fez com que se voltasse às garantias constitucionais.

(Continua)

Nas Oficinas Gerais do Sul e Sueste

Um gesto de solidariedade

BARREIRO, 16. — Resolvido que ficou a transferência das novas oficinas para um local próximo da estação do Lavradio, continuaram trabalhando vários operários no acabamento dos barracões para oficinas de pintores e estofadores, que estavam em vias de conclusão, continuando vários trabalhos adentro das mesmas oficinas gerais, como sejam, transporte de ferragens e fabricação de blocos de cimento para montagem dos pilões que vieram da Alemanha.

Como mestre, encontra-se nestas obras um indivíduo de Lisboa chamado José Fernandes, que por um bambauro foi classificado mestre de obras no Serviço de Estudos e Construções dos mesmos Caminhos de Ferro, tendo «por cabo de ordens» um indivíduo de nome José Pereira Fialho, que pela sua subversividade e desmedida bajulice, conseguiu colocar-se na situação de encarregado de pedreiros.

Este cavalheiro para comodidade do seu mestre, põe e dispõe, manda, ordena, e é da gente pasmal, ao vê-lo saltar dum lado para o outro, sem que seja possível vê-lo parado em qualquer parte. No serviço são inúmeras as pessoas que vêm de fora procurar por ele, e raras vezes se consegue saber onde ele está. E até já nos afirmaram que perante os superiores, é ele que diz, é ele que fala, é ele que opina, e o seu mestre, limita-se a abanar a cabeça como sinal de concordância.

Não valeria a pena biografá-lo, porque achamos demasiada a importância de o colocar nas colunas dum jornal, e porque a Batalha se lhe torna escasso o seu espaço para a missão que tem a cumprir — mas atendendo às funções que desempenha, por negligência do seu «mestre», e ainda por conveniência deste, somos forçados a fazê-lo, por essas funções estarem em relação directa com um grupo de uns 60 a 70 operários que fazem parte do grande «Tô» que se chama «O Trabalho».

Ontem por solidariedade com o trabalhador Manuel Pascoa Ferreira, a maioria deste pessoal abandonou o trabalho, pois que aquele camarada vem de há tempos sendo vítima das sevícias de tão conspícuos cavalheiros.

O conflito teve o seu início com o desrespeito ao horário do trabalho, visto que pretendiam forçar algum pessoal a transgredir o horário, pretendendo justificar as necessidades do serviço, que se verificou não existirem.

Nomeada uma comissão de trabalhadores, estes dirigiram-se à secção do respectivo serviço e entraram em contacto com o chefe da secção engenheiro Borges e Almeida que imediatamente resolveu o conflito, ficando os trabalhadores a retomar o trabalho no dia seguinte, ficando o camarada Pascoa Ferreira para o retomar no dia seguinte àquele, para que não ficasse beliscado a disciplina.

Ainda bem que o engenheiro Borges de Almeida resolveu o caso, não deixando à mercê do mestre e do encarregado em questão. Lamentamos apenas que s. ex. confie de mais nestas criaturas, que pretendendo impor ao pessoal a transgressão do horário, nem mesmo o horário de 8 horas cumprem, porque entram a maior parte das vezes às nove e dez horas, saindo às 15 e às 16 horas. — E.

Lede o Suplemento de «A Batalha»

Fanfarronada burguesa

Uma vaqueira que julga o seu dinheiro capaz de a absol- ver de uma feroz agressão

Escrevem-nos relatando factos que servem a demonstrar que a Justiça só para perseguir os humildes existe.

Em Agosto de 1923, Maria Isabel Brilhante, moradora na rua Nova de Santo António, 11 e 13 (vacaria), quando por ali passava a menor, de 14 anos, Maria Piedade da Conceição Faria, residente na mesma rua, 8, 2.ª, agrediu-a bárbaramente, arrastando-a pelos cabelos para dentro da vacaria, onde repetiu a agressão, e por forma tal que, quando Maria Piedade conseguiu escapar-se para a rua, vinha já desfigurada, a roupa em farrapos, golvando sangue pela boca e com uma brecha na testa, sendo ainda agredida na rua.

Compareceu o civico n.º 958, que prendeu a agressora, conduzindo-a para a quadra do Rato, donde transitou para o governo civil, ficando as investigações entregues à 2.ª secção.

A Maria Isabel, três dias depois, encontrava-se em liberdade, enquanto a Maria Piedade continuava golvando sangue pela boca, agravando-se o seu estado de saúde por forma que, há uns 6 meses, teve de ficar de cama.

A 16 de Maio próximo passado foi pela família feita uma participação a do 2.º juízo julgo de Investigação Criminal. A 23 do mesmo falecia a menor, sendo o seu falecimento participado ao dito juiz, que ordenou a sua remoção, com a máxima urgência para a Morgue.

Encarregado disso o agente Quental, este pretendeu emburrar as cousas de modo que o enterro fosse feito pela família da morta, sem que o cadáver passasse pela Morgue. Cinquenta e sete horas após o falecimento lá se conseguiu remover o cadáver para a Morgue, onde a autópsia se realizou a 27, constando da certidão respectiva dever-se a morte a tuberculose proveniente de maus tratos, certidão que foi adiada ao processo.

A 29 depuseram as testemunhas oculares da agressão, e segundo consta, têm-se movido influências para que as provas do bárbaro crime não apareçam.

E isto porque a criminoso é rica e a vítima tão pobre que só à custa de auxílios de vizinhos se pôde tratar.

Não é nosso hábito reclamar castigos para quem quer que seja.

Leva-nos a dar publicidade o facto de Maria Isabel Brilhante, por ser rica, pretender que a justiça não tome conhecimento do seu repugnante crime, tendo afirmado que o seu dinheiro impediria os jornais de o tornarem conhecido.

HORARIO DE TRABALHO

Em Vendas Novas

VENDAS NOVAS, 17. — O horário de trabalho ainda não é cumprido aqui integralmente, tanto no comércio como na indústria. Apesar do rigor, das disposições do regulamento recentemente em vigor, as entidades a quem compete o assunto dormem o sono dos justos, e as cousas correm como dantes. — C.

Tribunal de Arbitros Avindores

Os arbitros da pauta operária deste tribunal, em sua reunião, resolveram não defender causa alguma de empregados ou operários que venham reclamar a este tribunal horas extraordinárias feitas durante a regulamentação do horário, que acaba de entrar em vigor, a não ser nos casos previstos no artigo 18.º, devido ao actual regulamento não permitir horas extraordinárias.

Na Fábrica Napolitana nos respeita-se o horário

Na Fábrica Napolitana, pertencente à Companhia Nacional de Moagem o pessoal de fogo e máquinas, segundo nos vieram reclamar, está trabalhando 12 horas por dia pagas pelo preço ordinário. O encarregado Alexandre Inácio procedeu também de igual forma o que está provocando os protestos do pessoal.

Trabalhadores de armazéns de vinhos

Continua, sem solução, o movimento dos trabalhadores dos armazéns de vinho para conseguirem que o horário de trabalho seja cumprido.

O movimento está limitado às firmas Abel Pereira da Fonseca e J. T. Pinto de Vasconcelos Lda, pois todas as outras já concederam as 8 horas. A classe dos trabalhadores de armazéns de vinhos reuniu ontem, pelas 19 horas, em assembleia magna, que foi muito concorrida, estando largamente representado o sexo feminino. Presidiu Manuel da Costa secretariado por José Faria e Libanio da Silva.

Usou, em primeiro lugar, da palavra João de Almeida da comissão de fiscalização que depois de esclarecer os trabalhos efectuados, referiu as maquinações intencionadas dos exportadores, terminando por apelar para a consciência da classe, a fim de virar o horário de trabalho.

Na mesma ordem de ideias falaram entre outros, Tavares Adão, da Federação de Tanhoaria, Faustino Ferreira, Emídio Rodrigues e Clotilde Silva que fez uma comovedora descrição da miséria existente nos tugurios dos proletários.

Foi aprovada, no meio de grande entusiasmo, uma proposta para que os operários em luta só retomem o trabalho quando as 8 horas forem um facto, sem a menor redução de salários como o pretendem Abel Pereira da Fonseca e J. T. Pinto de Vasconcelos. A plataforma, para solução do conflito apresentada pela firma Abel Pereira da Fonseca foi rejeitada por unanimidade.

A classe reúne hoje, novamente, pelas 19 horas, a fim de tomar conhecimento das demarches efectuadas.

Condutoras de Carroças

Reuniu a comissão administrativa que, depois de aprovar novos estatutos, constatou a falta de consideração revelada pelos proprietários de carroças quando acolheram as circulares que lhe foram enviadas, demonstrando, mais uma vez, que só pretendem ferir e amealhar a classe.

Em face da atitude dos proprietários de carroças, a comissão administrativa resolveu reagir contra a falta de cumprimento do horário de trabalho, para o que vai agir de imediato a questão entre a classe e tomar medidas que irão até à greve, se tal for necessário.

Nos Armazéns Gerais do Commissariado dos Abastecimentos não se respeita o horário

A Associação de Classe do Pessoal Menor do Comércio e Indústria enviou-nos um enérgico protesto contra a forma como o sr. Alves Nunes, chefe geral dos Armazéns gerais do Commissariado dos Abastecimentos, está impondo aos trabalhadores ali empregados o desrespeito ao horário de trabalho, fazendo trabalhar as horas que lhe entende sem o mínimo respeito por uma lei que devia ser o primeiro a cumprir.

Companhia Transatlântica Portuguesa de Navegação

A propósito da nossa local, publicada há dias sobre a Companhia Transatlântica de Navegação, recebemos uma carta que a seguir reproduzimos, ocultando, a pedido do autor, o seu nome:

«Senhor director:—Li há dias no seu muito conceituado jornal uma local sob o título «Companhia Transatlântica Portuguesa de Navegação» e não posso deixar, na qualidade de português que me preso de ser e como uma das vítimas dessa Companhia, de agradecer a V. o ter chamado a atenção do público para essa empreza, morta à nascença, por causas bastante nobres e que bom seria que se tornassem bem claras.

No meu entender, que é o do muito boa gente, já a comissão organizadora dessa Companhia devia há muito ter vindo à público, explicando com verdade as causas que motivaram tal fracasso; de mais a mais quando correm boatos, que nada abonam as boas intenções de alguns membros dessa comissão, muito especialmente aquele que foi enviado em propaganda Companhia à América do Sul que se limitou a alojar-se confortavelmente na capital federal por largos meses, voltando daí a Lisboa, sem trazer na sua bagagem uma única acção, mas com algumas dezenas de contos gastos em proveito dos seus negócios particulares segundo é voz corrente.

Não querendo, sr. director, abusar do tempo, que sei ser-lhe bastante precioso, fico por aqui, embora tenha mais alguma coisa a dizer sobre esta já celebre Companhia. — Um assíduo leitor.

MAIS UM QUE SE ARQUIVA

Foi mandado arquivar, por falta de provas, o processo de sindicância instaurado ao antigo inspector das escolas móveis, sr. rmando Silva.

As perseguições

Um abuso inqualificável

Noticiámos há dias que a policia tinha passado uma busca à sede da Secção da Construção Civil de Belém, busca que nem ao menos, contra todas as praxes, poudesse ser assistida pelo continuo, única pessoa que ali se encontrava. A assembleia daquele organismo reuniu ontem, ocupando-se de mais esse atropelo à constituição, resolvendo não protestar contra o facto, mas sim oficiar ao ministro do Interior e governador civil, perguntando se a constituição da República permite que agentes da autoridade assalte uma casa para efeito de passarem busca sem que sejam acompanhados dos moradores ou representantes da colectividade que neste caso era o continuo.

Soma e segue

Foram presos no passado sábado os manipuladores de pão Manuel Esteves Capela, José da Costa, Adelino Pinto Correia, Alexandre Coutinho, Manuel Pereira, João Silva e Manuel Vasques.

No dia 21 foi preso Sérgio Correia, da mesma classe.

Uma rombolesca diligência em Vieira de Leiria para a captura de Júlio da Anunciação

VIEIRA DE LEIRIA, 17. — Ontem de tarde apareceram aqui três cavalheiros muito suspeitos que, apesar de se pretenderem apresentar como medianeiros, toda a gente pressentiu serem autênticos policiaes. E passadas algumas horas a previsão consumava-se em virtude das diligências que eles iniciaram. Postos em campo, conseguimos apurar que se tratavam de 3 policiaes de Lisboa que vinham à procura de Júlio da Anunciação, diligência a que a policia liga grande importância, pois assevera que ele é um dos autores do atentado contra o comandante da policia.

Como não se encontrasse o referido operário por já se ter retirado daqui há dias, os «argutos» policiaes passaram uma rigorosa busca à casa onde esteve hospedado Júlio da Anunciação e um seu amigo residente em Lisboa, mas natural daqui. Remexeram, vasculharam, miraram tudo com sagacidade xaverista, sem nada encontrarem. De quando em quando soltavam esta exclamação:

«Cheira aqui a bombas!

Depois de infrutíferos resultados, os policiaes dirigiram-se a um monte de troços de couves e radicantes, exclamaram:

«Cá está uma!

Realmente um deles apresentou uma bomba que diz ter tirado debaixo do monte referido. E' opinião unânime de que aquele engenho foi ali colocado pelos mesmos apressores. No monte referido, de quando em vez remexido não era possível existir semelhante instrumento destruidor.

Mas era conveniente uma prova, mesma falsa, e lá apareceu.

Com toda a desfaçatez a policia afirmou que faltavam aparecer ainda três bombas, pois eram quantas existiam naquela casa. Mas não apareceram, talvez porque os apressores não tiveram tempo de lá as colocar.

Segundo se inferiu da arrogância dos três policiaes, era sua intenção matar Júlio da Anunciação. Chegaram mesmo a gabarem-se disso, apresentando-se um deles como sendo o «Pencudo» qualificativo por que é conhecido em A Batalha. Devemos dizer que nunca vimos nas colunas do nosso jornal semelhante apelido. Disse o mesmo agente que é ele que tem dado «caça à malandragem, deportando uns e atirando para o outro mundo, outros».

Vieira de Leiria, virgem nestas scenas ficou horrorizada com as ameaças policiaes e com todo o aparato que cercou esta diligência. O amigo de Júlio da Anunciação que o acompanhava a esta terra, é muito considerado por todos os confrades, gosando de gerais simpatias. — C.

Comissão de Agitação da União dos Sindicatos Operários do Porto

Reuniu esta Comissão e resolveu em conformidade com as resoluções das Direcções editar ao proletariado um manifesto no qual se escarpasse as violências do governo fascista da presidência de Vitorino Guimarães.

Mais resolveu realizar uma série de sessões públicas, que serão a preparação dum grandioso comício público e este a preparação dum movimento enérgico de protesto contra as propensões dos fascios-democráticos, e officiar aos organismos do Porto e arredores instando pela immediata acção de agitação junto dos trabalhadores das respectivas indústrias. Mais resolveu enviar à C. G. T. a representação do proletariado portuense ao Presidente da República, para que esta com os delegados da U. S. O. junto da Central Operária a entregue ao referido senhor.

A Comissão lembra às direcções a conveniência de sempre que realizem sessões de protesto o comuniquem para que esta envie o seu delegado.

Todas as comunicações devem ser enviadas à rua de Entreparedes, 33-1.ª — Porto.

Secção Profissional dos Carpinteiros Civis

Na assembleia geral da Secção Profissional dos Carpinteiros Civis foi aprovado um enérgico protesto contra as deportações sem julgamento levadas a efeito pelo governo.

Um protesto do Partido Socialista

No última reunião conjunta da junta directiva e secretariado nacional do P. S. P., foi votado o seguinte documento:

«O P. S. P., que sempre reprovou, pública e notoriamente, todos os atentados terroristas de carácter individual, tem especial autoridade para, a propósito das recentes prisões e deportações, exigir dos governos da República o respeito pela Constituição política do regime, que estabelece que ninguém pode ser julgado senão por tribunais regularmente constituídos e nos termos das leis anteriores ao delito.

Mais o Partido Socialista afirma que julga inteiramente ligada à honra pessoal dos governantes a necessidade de se esclarecerem as acusações que são do domínio público.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato U. da C. Civil. — Secção Sindical de Belém. — Em assembleia geral reuniram os operários desta industria. Foi lido o relatório, presente pela comissão que entrevistou o mestre Francisco Gaiolas, que está dirigindo a reconstrução dum prédio no Altinho, e o encarregado duma obra do mestre Foutzet, a propósito de algumas reclamações.

Depois de vários operários usarem da palavra, foi o referido relatório aprovado por unanimidade. Em seguida foi pelo delegado ao Conselho Técnico, presente o livro de caixa e o mapa geral de receitas e despesas do ano findo, pelo qual se verifica que existe em poder deste organismo a importância de 8.900\$00, quantia esta que o operariado da Construção Civil contribuiu para a Casa dos Trabalhadores. Sobre este assunto usaram da palavra diversos sindicatos, os quais foram unânimes em reconhecer a necessidade de dar conhecimento a todo o operariado da industria de que esta importância está em poder do Conselho Técnico, dando assim uma satisfação a algumas criaturas que, más e inconsistentes, têm amesquinçado a organização operária, levantando calunias contra os seus militantes.

S. U. C. C. — Na reunião efectuada no dia 17 do corrente tomou as seguintes resoluções: Reclamar do Estado, para os operários da construção civil que trabalham sob a superintendência de vários ministérios o salário igual ao que auferem os operários do conselho técnico do S. U. C. C. Lembrar a conveniência de as Secções nomearem os respectivos delegados-fiscaes do horário do trabalho. Contribuir, por mês e por cada sindicato com a importância de 10 centavos para a saída do órgão corporativo, O Construtor. Convocar para um dos dias próximos uma nova assembleia para resolver sobre a demissão do delegado à comissão, escôr Inácio Marques e sobre as acusações que vários sócios formulam contra Marcelino da Silva.

Operários Chapelheiros — Reuniu a assembleia geral, para eleição de corpos gerentes, os quais ficaram assim constituídos: Direcção, Antonio Saló, Raul dos Santos Dias, Ciriaco Rocha, Florindo Martins e José Barata. Comissários de Melhoramentos: Augusto Machado, José Quaresma, Manuel Marques Segundo, Manuel Ferreira e Narciso de Oliveira. Delegados à Câmara Sindical: Manuel Marques e José Barros da Costa. Mesa da Assembleia Geral: João Fuldaz e Paulo da Silva. Delegado ao Socorro Vermelho: Artur Assis Freitas.

Aprovou um voto de sentimento pelo passamento do consócio Vicente Pereira de Sousa.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal. — O conselho central às 24 horas.

Federação metalúrgica. — Pelas 21,30 a comissão que organizou o último congresso da industria.

Empregados de Hotéis e Restaurantes. — Às 22 horas, a assembleia geral para se ocupar de assuntos de caracter administrativo.

Associação dos Jardineiros. — Pelas 21 horas, para assuntos varios, a assembleia geral.

Federação Marítima. — Pelas 20,30 horas, o conselho federal deste organismo para tratar de assuntos de grande importância.

Federação Mobiliária. — Às 17,30 horas, a comissão administrativa, com a participação do secretário administrativo.

S. U. da Construção Civil. — Secção dos Canteiros e Polidores de Marmores. — A comissão administrativa actual com a sucessora, às 21 horas. A mesma hora os cobreadores.

Secção Profissional dos Pedreiros. — A assembleia geral, pelas 20 horas.

Federação Metalúrgica. — A comissão administrativa às 20 horas.

Impressores Tipográficos. — Para continuação de trabalhos, pelas 21 horas, a assembleia geral.

Manufactureiros de calçado. — Às 21 horas, para continuação da assembleia transacta.

DIAS PRÓXIMOS:

S. U. Metalúrgica. — Secção do Poço do Bispo. — Reúne amanhã, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Pessoal do Depósito de Fardamentos. — Reúne amanhã em assembleia geral pelas 17,30, na sua sede, rua Josefa d'Obidos, n.º 20, cave, com a seguinte ordem dos trabalhos: 1.ª. Aumento de cot. 2.ª. Exposição dos trabalhos da comissão oficial.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Beato e Olivais. — Reúne amanhã, pelas 20 horas.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Delegação Confederada de Propaganda do Norte. — Reúne amanhã, às 21 horas em ponto, sendo indispensável a participação dos componentes do conselho consultor.

A delegação solicita de todos os camaradas que do 1.º de Maio foram à provincia pela C. G. T. o envio dos seus relatórios.

Comité Federal Metalúrgico do Norte. — Reúne hoje, pelas 21 horas.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Federação. — Comité Federal. — Reuniu ontem, tendo apreciado o expediente recebido.

Núcleo de Lisboa. — Secção Metalúrgica. — Reúne amanhã a comissão executiva, pelas 20 horas.

co acerca da morte do operário Domingos Pereira e de possíveis maus tratos aos operários recentemente presos.

O P. S. P. afirma mais a sua absoluta solidariedade com todos os movimentos tendentes a fazer respeitar as garantias constitucionais, que são património colectivo e que constituiriam a plataforma ideológica da antiga propaganda republicana e a sua absoluta repulsa por aqueles que, sob a ameaça de sedições de caserna, não hesitam em fazer taboá rasa das bases jurídicas do regime.»

AS GREVES

Terminou vitoriosamente a dos soldadores de Portimão

PORTIMÃO, 16. — O conflito suscitado com a firma Marcel Rocha, L.ª e os soldadores teve há dias o epilogo com vitória para aquela classe.

A direcção dos Soldados de Portimão aprovou um agradecimento as camaras estivoires fragateiros e chafeus maritimos pela valorosa solidariedade prestada no decurso da greve.

Têxteis de Gouveia

Gouveia, 17. — A greve da Classe Têxtil mantém-se no mesmo pé. Os empreiteiros já se encontram todos em campo e a paralisação é completa. Ontem houve uma importante reunião no Sindicato Têxtil na qual compareceu todo o operariado e grande numero de mulheres.

Presidiu M. Matos e falaram A. Ribeiro, João R. Mata e R. Augusto que foram unânimes em condenar a atitude dos industriais e a aconselhar os operários em luta a matrem-se firmes e solidários até que a justiça lhes seja feita.

Em seguida foi lida e aprovada a seguinte moção:

Considerando: que as classes trabalhadoras foram para este movimento por os seus salários terem sido diminuidos; que tal baixa de salários é uma afronta à mesma classe; que a carestia da vida se mantém, assim como ainda não foi resolvido o problema da habitação;

Os operários, reunidos em sessão magna na sede da sua Associação, resolvem:

1.ª. Manter a reclamação do dia normal de 8 horas de trabalho;

2.ª. Protestar contra a baixa de salários;

3.ª. Não retomar o trabalho enquanto não forem atendidas as reclamações.

INSTRUÇÃO

Uma nova escola no concelho de Guimarães

Foi criada uma escola de ensino primário geral em Donim, concelho de Guimarães, a instalar no edificio que João Duarte Macedo tomou o compromisso de mandar adaptar e doar ao Estado, devendo ser nomeada para a sua regência a professora D. Maria da Conceição Cardoso, indicada pelo doador.

Conhece o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnifico «Mapa de Portugal e das Ilhas do Atlantico», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 35\$0, pelo correio Esc. 35\$0. Pedidos a Litografia Popular de Francisco Franco — 30, T. S. Domingos, 34.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Secretariado Nacional de Assistência Juridica e Solidariedade